



Jornal das Senhoras – Tomo V. – 19 de março de 1854 – Edição 12

Link: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=1071>

3º ANNO.

TOMO V. – DOMINGO, 19 DE MARÇO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.  
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrarão-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O CONSELHEIRO JOSÉ CLEMENTE PEREIRA.

É com o coração transido de sincera dor, minhas queridas leitoras, que fazemos preces a Deus pela bemaventurança da alma caridosa que no mundo baseou sua gloria sobre o bem-estar dos infelizes a quem cucheu de beneficios.

Falleceu o Sr. conselheiro José Clemente Pereira na noite de 10 do corrente, e foi sepultado, na tarde do dia 12, no cemiterio de S. Francisco Xavier. A extraordinaria concurrencia de povo, e avultado numero de pessoas que o acompanhárão á sua ultima jazida, formando um prestito de mais de 250 carroagens, bastão para expressar bem quantos beneficios fez elle á humanidade, e á quanta gratidão tinha adquirido direitos, que tão espontaneamente forão reconhecidos.

Não deixou elle sómente á sua familia um nome cheio de gloria e coberto de benções; deixou tambem, para os mais infelizes de todos os entes, um magnifico hospicio, para a orfandade desvalida um asylo, para a virtude um abrigo, para a miseria um grande hospital, e finalmente a respeitavel confraria das Irmãs da Caridade para consolar a desgraça, para chorar com o infeliz a dor que soffre, para sentir com o moribundo a dor que o mata, e acompanhá-lo, como desvelada irmã ou mãe extremosa, no desprender do peito o ultimo suspiro, que se esváe

como uma nota perdida no espaço, no bater da derradeira pancada do coração como o ultimo movimento da pendula do relógio da vida.

Compreendeis bem, queridas leitoras, que para fazer tanto em prol do seu semelhante não o induzia sómente o amor de gloria, para o que bastára ter feito menos, como o amor, a caridade evangelica, o espirito do christianismo.

Leitoras, contaí a vossos filhinhos a historia de virtudes de uma alma consagrada aos beneficios da humanidade; fallai-lhes muitas vezes no seu nome; plantai-lhes nos tenros corações o desejo de imital-o para adquirirem igual gloria; e, prostradas ante a Imagem do Senhor, rendeí graças pelo cumprimento dos decretos divinos, e offereceí constrictas uma oração por tenção da alma christã de José Clemente Pereira.

12

— 90 —

#### ACTO DE MAGESTADE.

É sempre com effusão de enthusiasmo que nos fazemos cargo de transmittir ao conhecimento das nossas leitoras os actos magnanimos do Excelso Monarcha, que nunca deixa escapar uma circumstancia qualquer para manifestar a grandeza de Sua alma, a Magestade do Coração.

Sua Magestade o Imperador, por um decreto lavrado á Sua mordomia, ordenou que á expensas Suas seja construida uma estatua do fallecido conselheiro José Clemente Pereira, a qual será collocada no Hospicio de Pedro Segundo, na mesma sala em que se acha a de Sua Magestade e defronte della, como prova de reconhecimento dos serviços prestados á humanidade pelo distincto provedor da Casa da Misericordia.

Sua Magestade o Imperador fez mais, agraciou a esposa do fallecido conselheira com o titulo de condessa *da Piedade*.

Os corações brasileiros folgão de poder annunciar os actos da grandeza do Throno, e orgulhão-se com elles, como se orgulha a França com as acções magnanimas dos seus reis, como se orgulha a historia com a citação de feitos humanitarios de muitos monarchas.

A redacção do *Jornal das Senhoras*, sincera apreciadora dos relevantes serviços tão dignamente remunerados, beija reverente a Augusta Mão de Sua Magestade, o Imperador, em agradecimento dos Decretos que firmou.

MODAS.

Estou tão impressionada de um sonho que tive a noite passada, que só está me dando vontade de fallar-vos delle. E o mais é, agora reparo, que posso contarvol-o neste artigo, porque o meu sonho é a historia de um vestido.

Não tendes remedio pois, minhas leitoras, senão ouvil-o; ao contrario nada terieis hoje da vossa Ritinha – o que tambem (direis vós em segredo) nada se perderia. Estou certa disso, e bem vos preveni que substituiria mal a vossa erudita Christina, porque poucos conhecimentos tenho da materia de que me incumbi provisoriamente, apesar de que alguém já me vá comparando com o *Provisorio*, que tornou-se permanente. Mas afianço-vos que não, para socego vosso. Ora!... e eu a gastar papel com desculpas, tendo já feito o meu cavaco quando comecei a escrever os artigos de modas...!

Vamos ao sonho: mas por ora são explicações que vou dar.

A' tarde levei a ler os *Mil e um fantasmas*, de Alexandre Dumas, e fiquei muito impressionada com o *collar de veludo*. Já deveis ter lido esse conto fantástico do romancista francez, em que figura Hoffman e Arsenia, uma comica de dezoito annos, amante de Danton. Não podeis portanto deixar de concordar que é um conto que arripia os cabellos. Basta observar que um simples collar de veludo prendia uma cabeça decepada ao corpo de um cadaver de mulher, dando-lhe as apparencias de vida, e capaz de illudir os beijos ardentes de um amante.

Não sei se pór impressionada por isso não tive um somno socegado. Figurou-se-me que tinha entrado n'um grande palacio, desses de que fallão as *Mil e uma noites*, e que deparava com uma bella mulher pensativa, recostada sobre uma mesa de marmore. Acordei-a de sua meditação, e ella contemplou-me fixamente. Depois foi-se enternecendo, e chorou. Chamou-me para junto de si, e contou-me esta historia.

« Eu fui sempre muito boa filha; amava muito minha mãe; mas uma vaidade me dominou sempre – o trajar bem. Meu pai idolatrava-me, fazia-me todas as vontades, fazia sacrificios para satisfazer o meu mais ligeiro desejo. Um dia fui convidada para um baile; minha mãe estava doente; eu quiz por força um vestido como o que tinha visto na loja de uma modista; meu pai era pobre, tinha tambem de comprar um remedio urgente e caro para a molestia de minha pobre mãe. Eu chorei, mostrei-me zangada, e por fim tive o vestido e fui ao baile, e minha mãe ficou sem o remedio e morreu poucos dias depois..... »

Ahi a moça empallideceu como um espectro, e apontou-me para um vestido branco com pintas negras que estava pendurado n'um torno.

« Eis ahi esse vestido, tornou-me ella; cada desejo que tenho é uma pinta que se apaga, é um anno de minha vida que se gasta.

« Só restão seis. Vinde ver-me de hoje a seis dias, só encontrareis um cadaver. Eu quizerá já morrer, mas sem o remorso que me acompanha. Quero suppor que peza sobre mim a maldição de minha mãe; mas ella não disse uma palavra quando morreu.

« Se seis pois como eu fui, moça, amai a *moda*, mas não façais que vossos pais se sacrifiquem por vossa vaidade. »



A moça calou-se, e eu acordei, minhas leitoras.

Para vos tirar qualquer impressão que tenhais sofrido com a narração de meu sonho lugubre, vêde como tenta devéras a descripção desse bello figurino que vos apresento hoje.

*Ritinha.*

#### DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

TOILETTE DE BAILE. — Bandós de cabellos muito ondedados, um pouco á Maria Stuart, tendo por ornamento *distingué* um *Berret* de veludo *épinglé*, enfeitado de blonde e flores.

Vestido de nobreza côr de rosa guarnecido de uma alta barra de garça franzida em fofos atravessados rodeando a saia.

Sobre a saia de nobreza uma segunda saia mais curta de ponto de Inglaterra, deixando sómente apparecer a barra de fofos.

Corpo de bico adiante e atraz com um cabeção redondo ornado de duas ordens de renda de ponto de Inglaterra, e quatro redondos laços progressivos de fita côr de rosa enfeitando a frente.

Mangas curtas de nobreza cobertas por uma renda de ponto de Inglaterra um pouco regaçadas adiante.

TOILETTE DE PASSEIO. — Chapéo de seda, flores e blonde, preso por um laço de fita branca de pontas fluctuantes. Cabellos em pasta ondedados.

Saia de nobreza azul guarnecida de nove babados iguaes, enfeitados cada um com duas estreitas fitas de veludo preto.

Basquine de veludo preto guarnecida de renda afogada, com mangas justas, abertas e presas de leve quasi até ao cotovelo, enfeitadas de umas dragonas fofas.

Colarinho e sub-mangas de *guipure*.

Lenço de cambraia bordado a ponto real.

LUIZA.

HISTORIA AMERICANA.

EM 1812.

Nas margens do rio Iguassû ha um logar ermo e solitario, respeitado por todos os habitantes daquelle paiz. E' um bosque formado de arvores, que se assemelhão aos ciprestes, elevando-se seus ramos e folhas, que nunca marinhão, ainda que tenham um aspecto mysterioso e melancolico como a dor profunda de um primeiro amor que não é correspondido. Uma roseira solitaria, plantada talvez pela desesperação, se ergue na terra no meio das outras arvores: dir-se-hia um altar no meio de um templo, ou um tumulo..... Um brilho pallido e risonho espalha a roseira, como uma lagrima que se desliza de uns olhos formosos: em vão os ventos e as chuvas tentão abatel-a, algum genio sem duvida a sustenta, algum genio sem duvida a rega com suas lagrimas. As tenras aves, esvoaçando á roda della, então hymnos tão doces, gorgelião canticos tão bellos, como os sons de uma harpa desferidos pela mimosa mão de uma virgem, tão melancolicos como as vozes do orgão de uma igreja. As velhas do Iguassû, como mais instruidas nas antiguidades do paiz, fizerão deste bosquesinho o theatro de uma historia: – Aquella roseira, dizem ellas, tem as suas raizes nas cinzas virginaes de uma donzella..... ali foi Luiza sepultada..... Luiza, a mais bella das donzellas iguassuenses, arrancada á este mundo por uma paixão delirante que a devorava..... e seu nome parece ainda echoar por cima daquella roseira; e as aves, que ali vêem chorar a perda da infeliz, o aprendêrão a repetir.

E' este o unico logar curioso da villa de Iguassû; é monumento gothico e antigo que os habitantes com orgulho mostram ao estrangeiro; é a sua idade media, sobre a qual buscão diversas legendas.

Nós visitámos com respeito este logar, e ainda hoje a reminiscencia nos acompanha como um bello sonho; é por isso que nos arriscamos a contar a historia da bella Luiza.

Em uma rustica cabana, distante duas legoas da villa, vivia pobre, porém feliz, o velho Fernando com sua filha Luiza: a belleza desta moça era o modelo ideal sobre que os habitantes baseavão suas comparações. Longos e negros cabellos annellados lhe cahião sobre os hombros que rivalisavão em alvura com a neve; dous olhos suaves e celestes ornavão sua fronte, e como brillhantes estrellas giravão sob suas formosas palpebras; uns labios de carmim; uns dentes que mais brillhavão do que um fio de perolas; eis aqui as menores perfeições deste composto de graças, que não temeria apresentar-se ao lado da Venus de Canova e de Medicis. Suas feições erão de tão sublime esfera, de tão angelica fórma, que não podião ser consideradas como cousas mortaes: jámais Rafael, Corregio e Guido, pintárão anjos tão bellos; jámais os poetas poderão descrever em seus versos uma tão rara formosura.

E a infeliz era devorada por um amor sem esperanças, um primeiro amor, que exalta e endoudece... Um joven de vinte e quatro annos,

caracterizado por todos os vícios, ainda que descendente de uma honrada família, era o objecto dos desvelos de Luiza..

Não sabemos achar a razão deste phenomeno.... a mais virtuosa donzella amar o mais perverso dos homens!...

Mas tal era o facto; e elle tambem a amava, e seu amor ás vezes o impedia de commetter alguma acção má que meditava.

Era no tempo da chegada da familia real portugueza ao Brasil, e, como todos sabem, houve grande recrutamento para o serviço militar, porquanto o Principe Regente, deixando a metropole do reino para escapar ás furias do leão do seculo XIX, julgou necessario rodear-se de uma força respeitavel que defendesse sua pessoa. Carlos, o amante de Luiza, foi preso para assentar praça, e immediatamente depois enviado com o seu batalhão para defeza de Portugal, que comtudo não tinha esquecido a gloria do seculo XVI e o valor dos Menezes e dos Albuquerque.

A infeliz donzella, longe daquelle que tanto amava apesar de suas más qualidades, murchava como a flor aos ardentes raios do sol. Aquella rosada côr, que tão bella a fazia, ia desaparecendo pouco a pouco..... dous lividos e azulados circulos amortecião seus olhos, que uma lagrima trazia humidos de continuo..... E o pobre Fernando chorava com ella, esforçava-se em vão por desarraigar-lhe do coração o mortal cancro que a carcomia..... Um primeiro amor pôde-se acaso arrancar com insinuações, conselhos ou força? Ignorava o velho que elle a conduziria á sepultura, que eternamente lhe ralaria as entranhas!...

Entretanto erão já passados tres annos, e nem uma noticia tinham elles recebido de Carlos: ignoravão completamente o seu destino, e isto ainda mais os magoava.

Um irmão de Carlos, por nome Alberto, joven bem feito, dotado de sentimentos de honra e de probidade, e que tambem já ha muito tempo adorava Luiza, pede neste momento sua mão ao velho Fernando, que aceita a offerta sob condição do consentimento de sua filha.

Seis mezes se passárão ainda, no meio das supplicas do pai e do amante, e das negativas de Luiza. Entretanto a infeliz, recebendo enfim a noticia da morte de Carlos, para obedecer a seu pai, ainda que não amasse Alberto, consente nas nupcias.

Em 1816, na igreja de N. S. da Piedade de Iguassû, que era então situada no meio de um campo triste e árido, rodeado de meia duzia de velhas e pequenas casas de sapê, entre as quaes brilhava a do vigario, se fizerão as nupcias de Luiza e de Alberto. Um excellente jantar, como pede o uso, acompanhou o sagrado ministerio: as pessoas principaes da povoação são

convidadas, e entre ellas se elevão magestosamente, como mais sábias, a gorda cabeça do vigário e a magra figura do sachristão. As outras personagens erão o commissario de policia, o cirurgião, o boticario, alguns parentes e comadres.

No meio do banquete, quando já o vinho começava a alegrar o obeso pastor e os mais convidados que a nada mais attendião, Luiza recebe um recado por um preto, annunciando-lhe que um forasteiro lhe desejava fallar só. Ella, como humilde esposa, pede licença a seu marido, que sem dar attenção a isso lh'a concedeu, continuando na conversação que encetára com o boticario.

Luiza sahiu, e só seu pai, que lia em seus olhos a tristeza e amargura que interiormente a consumia; só o velho Fernando deu attenção á esta subita sahida; e, vendo alguns minutos depois que ella não voltava, levantou-se tambem da mesa e seguiu as suas pisadas.

Procurou de balde o miserando ancião a filha amada, perguntou aos escravos por ella, e estes nada sabião responder-lhe, mesmo o proprio que a tinha ido chamar á mesa ignorava aonde tinha ido o estrangeiro e ella.

Tal era o reboliço do banquete, occasionado pela alegria de um pai e de um noivo, que nada se viu, nada se observou.

Alberto entretanto, percebendo que a demora de sua esposa se alongava, e começando ella a dar-lhe cuidado, sahiu tambem deixando os hospedes; encontra o pai de Luiza, e um a outro se interrogão..... Mil idéas sobem ao espirito dos dous; mil pensamentos diversos os assaltão, e só desgraças se lhes autolhão.... Dá-se aviso á todo o mundo do acontecido, e todos, uns em pranto, outros em embriaguez, procurão por todos os cantos, lanção-se a todos os caminhos e aos arredores.

O que será feito della!

Era já noite; o mesmo motim, desordem, desesperação, lagrimas e gemidos echoavão.

A lua melancolicamente enfiava seus pallidos raios por entre as frestas da cabana; as estrellas rutilavão no ar e esclarecião a terra; a noite estava bella, e uma fresca viração assuprava brandamente as folhas das arvores; o ancião cançado e abatido cahe em um deliquio; e o esposo, que algumas horas antes esperava uma bella noite ao lado do objecto amado, perde-se no meio dos bosques, soluçando e tremulo, sem saber onde ia e o que devia fazer.... Sem sentir, acha-se ás margens do rio, e sem sentir se precipita nas suas aguas. A humidade e o frio o fazem sahir do estado desesperado em que se acha, e reconhece a sua posição. Um gemido moribundo o faz estremecer de repente, e um objecto branco que se balancêa sobre as aguas attrahe a sua curiosidade: sem poder respirar, lança-se sobre este objecto, arranca-o á força das aguas, e o

descansa sobre a margem. Qual foi o grão de sua desesperação, quando no objecto que havia salvado reconheceu um cadaver, e neste cadaver a sua infeliz esposa!...

Como succedeu este caso ignora-se ainda. Entretanto algumas velhas affirmão que Luiza tinha reconhecido Carlos no individuo que a mandára chamar: que elle depois de a haver reprehendido de faltar á sua promessa desapparecêra pelo mato; que Luiza, com o remorso que lhe pesava sobre a consciencia de não poder amar o seu esposo, e de haver faltado a Carlos, se tinha lançado ao rio e se afogára.

— 93 —

Fernando e Alberto pouco tempo sobreviverão a desgraçada Luiza....

No logar em que se depositou o cadaver da donzella, nascêrão as arvores e a roseira de que acima fallamos. A' meia noite, affirmava a gente do paiz, costumavão a apparecer quatro almas do outro mundo n'aquelle sombrio e mysterioso bosque, ouvião-se gemidos e ais, e por isso ninguem se atrevia a passar a essas horas por aquelle sitio.

(Da *R.P.*)

## POESIA.

### OS TRES BOTÕES DE ROSA.

« Porque me cortas e levas?

(Me dizia a linda flor.)

Ai! de mim tão pobrezinha,

Não precisa o teu amor.

« Queres enfeitar seu peito,

E não vês que tenho espinhos?

Mais que as rosas – ah! não valem

Por ventura os seus carinhos?

« Não me cortes, não, te peço,

Deixa a flor tambem viver..... »

— Não vale a vida um capricho?

Que te importa assim morrer?

— Tua existencia o que vale  
Se morres, ó linda flor,  
No niveo peito da bella  
Em um extasis de amor?

— Eu trocára, ó flor ditosa,  
Pela tua a minha sorte!...  
E melhor então que a vida  
A seus pés me fôra a morte...

— Vai habitar em seu peito,  
Minha flor, vai ter ventura!  
Mudo penhor innocente,  
Exprimes minha ternura!

— Nas tuas formosas folhas  
Deste peito eu vejo a côr;  
É sempre fogo onde habita  
O seu rosto encantador.

No teu viço e formosura  
Contemplo da minha amada  
Linda imagem que tão viva  
Tenho n'alma bem gravada.

— Vai habitar em seu peito,  
Minha flor, vai ter ventura!  
Mudo penhor innocente,  
Exprimes minha ternura!

Rio, 11 de Março de 1854.

*V. da S.*

A D. M.\*\*\*

Se por ventura um sorriso  
Vem em meus lábios pousar,  
E' qual verdura que vês  
Em sepulturas medrar!

Ambos aqui como lá  
Encobrem destruição;  
Meu rir é flor do sepulchro,  
Cinzas – o meu coração.

E quizeras, bella virgem,  
Minha sorte partilhar?  
E o teu futuro risonho  
Por noite escura trocar?

E quizeras doce riso,  
E as graças da mocidade,  
Com a tristeza casar  
Já propria da minha idade?

O meu soffrer que te importa  
Que importa a flor que murchou?  
Que importa o tronco já secco  
Que a tempestade levou?

Que importa que mesmo um riso  
Venha em meus lábios pousar?  
Que importa flores que vês  
Em sepulturas medrar?

## CORREIO DOS SALÕES.

Queridas leitoras, confesso-vos com toda a ingenuidade que me acho embaraçado na maneira por que satisfarei a justa curiosidade com que abrireis este jornal, procurando as noticias que tem obrigação de transmittir-vos o *correo dos salões*. Acabou-se o Carnaval; desaparecerão os mascarados; morrêrão os bailes; amorteceu-se o espirito; entrou a Quaresma; acabararaõ-se as loucuras e as intrigas; começaõ os jejuns e a penitencia, e já o *Diario do Rio* nos convida n'um edificante artigo ás orações, á confissão, ao arrependimento de nossos peccados. E quem os não tem, minhas queridas leitoras, quando elles saltão a cada instante ao pensamento, aos labios, e ás acções? Quanto olhar languido e chammejante não nos faz ahi perder a cabeça, apertar o coração, e nos esquecermos do Céu e da terra? Eu já li, não me lembra em que poeta, que uns certos olhos, como elle vira, erão capazes de fazer christãos de mouros, e judeos de christãos. E eu tambem, comquanto não seja poeta, ja os tenho visto, e a tentação, queridas leitoras, a tentação é horriavel; justamente quando se mais precisa da concentraçãõ, do respeito, da contricção e da fé, é que o pensamento nos foge ás vezes para bem longe; e o pensamento só por si, minhas leitoras, é um peccado.

Ao menos commigo acontece assim. Deixemo-nos porêr de vos estar contando cousas que vos não importaráo. Fallemos das noticias que, comquanto sejão poucas, não deixaráo de agradar.

Inda se eu, como o illustre redactor da *Semana*, vos podesse distrahir com as cousas do Oriente... mas são cousas tão sabidas: o *Sewern* chegou ha tantos dias, e os jornaes já nos contarão tudo, que nada me deixarão a dizer.

Não importa que seja ella questão tão importante que bula com o futuro do café e do Brasil; que necessariamente tenha de decidir-se pelas bombachas ou pela calça ingleza, pelo alfange ou pelo florete, etc., comtanto que não venha implicar com os *toilettes*, os bailes e os nossos divertimentos; que se vão por la matando, que para nós tanto faz que venção os Turcos como os Russos.

Tivemos a procissão de Passos: esteve, como todos os annos, concorrida e brilhante. Digão o que disserem, minhas leitoras, as nossas patricias são muito religiosas; em todos os semblantes lia-se a tristeza e a dor pela recordação de um dos mysterios mais sagrados e sublimes de nossa poetica e verdadeira religião, e comtudo não faltarão semblantes que se

expandissem, lábios que se sorrissem, e olhos que se requebrassem. Que querem? Onde morão as moças, estão as graças; onde estão as graças, mora a inquietação.

O *Club* continua com suas concurrencias luzidas; ressentem-se porêem da melancolia e da tristeza pela ausencia de minhas queridas leitoras, ao menos nas reuniões das quintas-feiras. Será uma exigencia, mas o que se ha de fazer? Reuniões semelhantes, sem serem adornadas pelo bello sexo, tornão-se frias e monotonas; vão enlanguecendo pouco a pouco, e afinal morrem. E eu estou que as minhas queridas leitoras, compenetradas da soberania de sua posição, não quererão de certo que feneça uma planta, que nasceu tão viçosa, pela falta de uns raios animadores que lhe infiltrem a vida no coração e o ardor nas veias.

Em festejo ao anniversario natalicio da nossa adorada Imperatriz, no dia 14 do corrente, tivemos a *Merope* no Provisorio, e a *Marianna* no S. Pedro. O Provisorio dormiu um longo somno; por isso é desculpavel que ainda viesse esfregando os olhos, abrindo a boca e espreguiçando os membros. O S. Pedro, por causa da chuva, espaçou o festejo para a noite de sabbado.

Minhas leitoras, entristecei-vos um pouco, abandonai o vosso riso, e o véo da piedade e da compaixão se estenda pelos vossos semblantes. Falleceu o conselheiro de estado José Clemente Pereira. A orfandade e a pobreza devem chorar sua morte. O prestito que acompanhou o seu cortejo é disto uma prova exuberante. Diante da morte todas as paixões se calão, o sentimento bate mais puro no coração, a dor se expande com sinceridade, as lagrimas correm mais suaves, e crestão as faces de um calor mais vivo.

Correi o véo da eternidade sobre esta scena de luto, enxugai os vossos rostos, e preparai-vos de novo para as graças e para a vida, sempre!

C...

## BOLETIM MUSICAL.

Não era possivel que deixassemos de dizer hoje alguma cousa, ainda que pouco, sobre musica, tendo havido no decurso da semana a primeira representação da opera lyrica – *Merope* – do *maestro Pacini*.

Na noite do dia 14, feliz anniversario natalicio de Sua Magestade a Imperatriz, a directoria do theatro Provisorio fez, como é de costume, subir á scena uma nova partitura. O concurso foi brilhante, não obstante o não comparecimento de Suas Magestades em consequencia de se acharem ainda de luto rigoroso pelo fallecimento da Sra. D. Maria Segunda.

A' hora do costume começou o espectáculo pela execução do Hymno Nacional, que foi cantado pela companhia lyrica. As letras do Hymno

— 95 —

forão em uma nova lingua formada da italiana e da portugueza, e não forão entendidas por não estar ainda vulgarisado o novo idioma. A musica porém foi bem desempenhada, com excepção de uma modulação de *si bemol* para *si* com que o Sr. Withwort obsequiou o auditorio, o que foi de terrivel effeito.

Seguiu-se a representação da opera *Merope* que em verdade foi bem desempenhada, sendo notavel a expressão com que cantou a Sra. Zeechini, comquanto estivesse sua voz um tanto fraca, em consequencia de seus incommodos de saude. Além disso, conservou ella, como sempre, a mais justa affinação com a orchestra; propriedade esta que nenhuma das outras nossas cantoras tem podido obter, e pela qual ella se torna recommendavel. A parte instrumental satisfez completamente quanto era possivel desejar-se.

Esta partitura é uma das melhores que produziu o seu autor, e digna de muita acceitação.

O gosto pela musica toma actualmente entre nós muito vasto espaço á importancia que tem adquirido na sociedade civilisada; e torna-se digno de sincera manifestação o sentimento geral por estar em olvido o *conservatorio de musica*, que pouco frequentado é, e que não fez ainda apparecer um só discipulo que pudesse dar idéa de que existe tal estabelecimento. Verdade é que no nosso paiz os nacionaes desanimão de encetar qualquer carreira, vendo que, além de serem sempre os estrangeiros preferidos, ainda mesmo quando menos habeis sejam, são os seus serviços melhor e mais generosamente recompensados, como aconteceu nas ultimas exequias celebradas em S. Francisco de Paula, cujos cantores, italianos, alias de reconhecido merito, forão remunerados com a quantia de duzentos mil réis (além de um *copo d'agua*), emquanto que os musicos da orchestra, cujo trabalho foi muito maior, tiverão a gratificação de vinte mil réis para cada um.

O desprezo pelos artistas nacionaes mata completamente as bellas artes que ainda agora começam a florescer entre nós; e chamamos os cuidados do mundo musical á conservação e aperfeiçoamento de sciencia tão bella, e tão util mesmo ao aperfeiçoamento das qualidades moraes do coração, e que por isso deve ser considerada como um dos objectos inherentes á primeira instrucção.

*Alina.*

## BOLETIM DOS THEATROS.

A *Miscellanea lyrica* dividida em duas partes, um *passo* dividido em tres, e o *Cosimo*, em tres actos, forão a Santa Thereza divertir os Nictheroyenses na noite de sabbado. Não estivemos presentes, porque na ida não estaria a duvida, mas na volta talvez nos sahissemos mal; consta-nos entretanto que o espectáculo correu bem.

No domingo, cá no nosso democratico S. Pedro, outro gallo cantou, porque estivemos presentes, e com temivel binoculo; tivemos os *Seis degrãos do crime* (ou sete, como queria o *maestro* Noronha em sua partitura), a aria do *Italiano mascate*, um passo á oito (calcanhares) e o *Recrutamento na aldeia*.

Os *Seis degrãos do crime* ainda continûa a ser o mesmo de outr'ora, sublime; mas com a final dissertação do carrasco sobre a moralidade, que mais parece as exhortações dos sermões de lagrimas, que a ultima peripecie de um drama.

As aguas que desabárão copiosas sobre os Fluminenses, no dia 14, prejudicando a actividade com que o gazometro inaugura seus lampeões, fecharão as portas dos theatros, que tão chibantes ensaiavam-se para o festejo nacional aos annos da Magnanima Imperatriz do Brasil.

A' vista pois da escassez de espectaculos nesta semana pouco resta nos a dizer.

Consta nos que ahi vêem [ilegível] a toque de caixa os actores Costa, Monteiro, Maria Amalia e Arêas, aquelles de Pernambuco, e este de Lisboa.

A causa do regresso do Sr. Monteiro e *companhia* (valha a verdade) querem as más linguas que seja a nomeação que teve a Sra. Gabriela, de *mestra* de declamação nessa provincia; semelhante magisterio, dado sem concurso, era no emtanto disputado pelas habilitações dos *retrogrados*, e como a preferibilidade *ad libitum patronatus* recahiu na antagonista luso-brasileira, desfez se a panellinha, e o rompimento foi immediato!..

O Sr. João Caetano (consta-nos tambem) está creando um excellentissimo papel para, em seu desempenho, gravar mais um esmalte na coróa de seu genio; por falta de minuciosos esclarecimentos não nomeamos o drama, escripto por um joven de grandes esperanças, mas podemos affirmar (segundo ouvimos) que o eximio actor tem de representar – de cego, mudo e surdo.

Um outro drama, cujo estylo e enredo faz honra ao seu autor, o Illm. Sr. Dr. Constantino Gomes de Souza, acha-se em mãos (consta-nos) do Sr. João Caetano, que promettêra levar á scena no qual terá de completar a magnificencia de seu laurel de Artista.

Bom será que o Sr. João Caetano dos Santos, patricio dos Brasileiros, a despeito de certo indifferentismo que encontra nessas aves de agouro que esvoação em torno do templo das artes, estimule os seus apreciadores, desenvolvendo em tantas intelligencias que contámos o amor pelo drama.

*Tympano.*

### O Acanhado.

Certo individuo apresentou n'uma casa mui distincta de Pariz um cavalheirito de provincia, o qual tinha todas as qualidades para poder apparecer no mundo com distincção; porém era infelizmente dotado de extrema timidez e acanhamento.

Pobre moço!

O introductor foi o primeiro que entrou, seguindo-o o provinciano; porém, ao primeiro passo que este deu na sala, perturbou-se de tal modo a vista de uma numerosa e brilhante sociedade, que poz sem reparar os pés entre o tapete e o soalho; e, não obstante um tal embaraço, foi sempre andando, levando adiante de si, e deitando no chão, todas as cadeiras que ia encontrando. — Chega ao pé da dona da casa com as pernas envoltas no tapete, escorrega no momento em que ia cumprimental-a, e cahe quasi sobre ella. — Levanta-se, e pede mil desculpas, os criados remedeiao immediatamente a desordem em que tudo se achava; offerecem-lhe uma cadeira, porém elle engana-se, e assenta-se n'outra onde estava a guitarra da senhora da casa e a faz em mil pedaços. — Muito fora de si, levanta-se e vai assentar-se n'outra mais distante, porém esmaga infelizmente a cadellinha da menina. Então a sua perturbação chega ao seu auge, e não vê outro partido a tomar senão o retirar-se da sala sem dizer nada a pessoa alguma, visto a grande hilaridade que já reinava. Com effeito, quando ia sahindo precipitadamente, dá um encontrão na criada, faz-lhe cahir das mãos a bandeja do chá que ia servir ás visitas, quebra todas as chicanas, e entorna o chá por cima dos vestidos das senhoras. Não se importa, embarafusta pelo corredor, e tal é a confusão, que rola pelas escadas abaixo; levanta-se no momento que vem subindo uma visita e assenta-lhe uma cabeçada que a atira de pernas para o ar. Vendo isto o seu amigo deita a correr atraz delle para o fazer voltar; mas o provinciano já batia longe, e ainda o não pôde alcançar.

Bens.

Esta palavra toma-se ordinariamente pela riqueza. Perguntavão a Themistocles — a quem preferia dar sua filha em casamento, se a um homem de merecimentos, porém sem bens ou a um homem com bens, mas sem merecimentos. A resposta foi simples: — *Prefiro um homem sem bens a bens sem homem.*

#### Anecdota.

Um Judeu, havendo sido condemnado á pena de morte, foi levado ao patibulo juntamente com outros dous réos sentenciados á mesma pena; mas, no mesmo momento em que subia as escadas da forca, chegou-lhe o perdão. [ilegível] logo os cirurgiões para o retirar d'ali e administrar-lhe alguns soccorros; porém elle, mui senhor de si e tranquillo, deixava-se ficar para assistir a execução dos seus dous companheiros, e, perguntando-se-lhe a razão por que não se retirava, respondeu: *Estou á espera que enforcem estes dous, a ver se posso fazer algum negocio com o carrasco a respeito da roupa.*

#### Pensamento.

Dizia um discreto — que quem tinha um só criado o tinha todo inteirp; quem tinha dous tinha só metade; e quem tinha tres não tinha nenhu; porque, enquanto um se fia nos outros, nenhum delles faz o que deve, e nenhum serve.

#### Maxima.

Que aproveitão as esperanças de um tempo mais feliz? Quasi sempre de nos fazer mais desgraçados. Nos faremos o tempo melhor, applicando-nos cuidadosamente ao trabalho. Aquele que vive de esperanças arrisca-se a morrer de fome.

#### CHARADAS.

##### EXQUISITICE DE MINHA AVÓ.

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| Não gósto de gente assim,       | 1 |
| Que sempre me mostra os dentes: | 1 |
| Tenho pena, muita pena,         | 1 |
| De um destes padecentes.        |   |

*J. P.*

Do francez descendo, 1

Serei relativo? 1

Das bellas ao impulso

Lhes dou lenitivo.

*G. M.*

A charada do n.º 10 é: *Arbusto*.

Acompanha este n.º 12 uma Estampa com figurinos de baile e de passeio.

TYP. DO *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.